

Entre a eloquência e a evidência: resenha crítica do livro “democracia, mudança social e ideologias no brasil contemporâneo”

*Between Eloquence and Evidence: A Critical Review of the
Book Democracy, Social Change and Ideologies in
Contemporary Brazil*

*Entre la elocuencia y la evidencia: Reseña crítica del libro
Democracia, cambio social e ideologías en el Brasil
contemporáneo*

MARES GUIA, João Batista dos. *Democracia, mudança social e ideologias no Brasil contemporâneo: um panorama sociológico*. 1. ed. Belo Horizonte: Éduque, 2024. (Coleção Brasil e Democracia).

Lucas Carneiro Costa¹

Palavras-chave: democracia; Brasil; bolsonarismo; polarização; cultura política.

Keywords: *democracy; Brazil; Bolsonarism; polarization; political culture*.

Palabras clave: *democracia; Brasil; bolsonarismo; polarización; cultura política*.

Publicado pela Editora Éduque, em Belo Horizonte, na 1.^a edição de 2024, o livro inaugura a Coleção “Brasil e Democracia”. Seu autor, João Batista dos Mares Guia – intelectual e dirigente público com longa militância educacional – declara, no prefácio, a ambição de “contribuir para a educação das juventudes para a vida em Democracia”, o que já antecipa ao leitor a intenção do autor ao escrever a obra. O volume funciona como um fascículo autônomo que combina ensaio político, crônica histórica e manifesto cívico.

A obra divide-se em duas partes, somando catorze seções analíticas sobre a “década sombria” (2013-2022) e oito seções sociológicas sobre as transformações estruturais recentes. O fio condutor é a tensão entre a Constituição de 1988 e o avanço de um

¹Mestrado em andamento em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Ouro Preto. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2020).

autoritarismo socialmente transversal. Mares Guia descreve a gênese do bolsonarismo, critica a hipertrofia do mercado como ideologia e examina a crescente interpenetração entre religião evangélica e disputa eleitoral. A chave interpretativa privilegia a experiência vivida e a retórica de tribuna; a argumentação apoia-se menos em dados sistemáticos e mais em observação participante e diálogo com autores de referência.

Trata-se, portanto, de um texto que não resulta de pesquisa acadêmica formal, mas que ainda assim oferece uma leitura instigante e enriquecedora. Como exposto desde o início, o objetivo do autor não é realizar uma investigação sistemática; antes, busca estimular as novas gerações a refletirem sobre o valor da democracia.

A publicação do livro ocorre em um momento especialmente sensível e oportuno da história política recente do país. Após quatro anos marcados pelo avanço do autoritarismo sob o governo Bolsonaro (2019-2022), o Brasil vivencia atualmente uma tentativa de recomposição democrática, na qual diferentes forças políticas disputam as narrativas e os rumos da democracia brasileira (Avritzer, 2023; Lynch; Cassimiro, 2022). Nesse contexto, obras que abordam o legado recente e a persistência de tensões sociais e políticas tornam-se relevantes, ao contribuírem para a reflexão sobre a necessidade de fortalecimento das instituições e da cultura democrática frente a ameaças autoritárias ainda presentes (Abranches, 2023).

No capítulo 1, intitulado *A Constituição de 1988 e a democracia*, o autor revaloriza o texto constitucional como “cimento” da vida republicana, sublinhando seu caráter minimalista — regras que garantem eleições livres, alternância no poder e direitos individuais — mas também maximalista, ao ancorar uma agenda robusta de direitos sociais.

No capítulo 2, *Empresários: a política em ação em nome da antipolítica*, descreve a guinada de setores “anarco-mercadistas” (anarcocapitalistas) que demonizam o Estado e patrocinam uma cruzada contra a política tradicional, abrindo caminho para uma direita autorreferida como “antissistema”.

No capítulo 3, *O bolsonarismo: o mercado alia-se ao populismo e ao extremismo*, interpreta a convergência entre ultraliberalismo econômico e radicalismo cultural como eixo de sustentação do governo Bolsonaro.

No capítulo 4, *Da direita “envergonhada” ao protagonismo político*, narra a saída da direita do “armário ideológico” e sua mobilização massiva nas redes e nas ruas.

No capítulo 5, *Jornadas de Junho*, trata 2013 como detonador de um sentimento antipolítico difuso que desaguou no voto extremista.

No capítulo 6, *Operação Lava Jato e o “lavajatismo”*, mostra como a cruzada moral contra a corrupção criminalizou seletivamente a política e gerou um moralismo punitivo personificado por Sérgio Moro.

No capítulo 7, *O progressismo em crise e a ascensão de Bolsonaro*, sustenta que erros éticos e estratégicos da esquerda abriram espaço ao populismo de extrema direita.

No capítulo 8, *O bolsonarismo*, radiografa a base social do movimento, destacando o papel das redes e do antagonismo afetivo.

No capítulo 9, *Crepúsculo do progressismo?*, questiona se a esquerda perdeu seu horizonte mobilizador.

No capítulo 10, “*Toma lá, dá cá*”: o desvario cínico das emendas milionárias, denuncia o salto de R\$ 15 mi para R\$ 55 mi por deputado, interpretando-o como captura do Orçamento pelo Centrão.

No capítulo 11, *Política e religião: os evangélicos*, examina a instrumentalização eleitoral da fé e o crescimento da bancada evangélica.

No capítulo 12, retorna à pergunta sobre o “crepúsculo progressista”, insistindo na necessidade de autocritica das esquerdas.

No capítulo 13, *Polarização ou “calcificação” ideológica e do voto?*, adota o conceito de Felipe Nunes para explicar a cristalização emocional do eleitorado.

No capítulo 14, *Espectros e realidades: a escassez em política como um problema*, argumenta que a abundância de emendas substitui o debate programático e aprisiona o presidencialismo.

A segunda parte do livro amplia o foco sociológico. No capítulo 15, *Da escassez de vida política ao excesso de politização da religião*, mostra como a participação migra para espaços eclesiás, potencialmente sectários. No capítulo 16, *Religião e política: a Igreja Católica e os evangélicos*, compara trajetórias e engajamentos das duas tradições. O capítulo 17, *Evangélicos: fé e bem-estar!*, discute se a filiação religiosa gera mobilidade social ou apenas acolhimento comunitário. O capítulo 18, *Das “Marchas com Deus”, de 1964, às “Jornadas de Junho”, de 2013*, conecta mobilizações conservadoras separadas por meio século. No capítulo 19, dedicado ao *empreendedorismo, meritocracia e precariado*, critica a ideologia do “indivíduo que tudo pode” e descreve a solidão contemporânea. O capítulo 20, *No país do agronegócio*, sustenta que valores sertanejos “ruralizam” a cultura urbana. O capítulo 21, *Chão de fábrica, automação, pejotização e trabalho remoto*, pergunta se o sindicalismo industrial ficou confinado à memória. Por fim, o capítulo 22, *“Decifra-me ou te devoro”*, descreve a passagem da luta de classes para a atual “guerra cultural” identitária.

Esse percurso capitulo a capítulo revela a ambição panorâmica da obra: unir crônica política, crítica sociológica e testemunho pessoal para explicar como a democracia brasileira chegou a um ponto de inflexão — e o que pode resgatá-la. Todavia, o autor adota uma escrita semelhante à de um pronunciamento oral, um discurso: prefere parágrafos longos, exclamações enfáticas e substantivos em maiúsculas (“DEMOCRACIA”), construindo uma oratória que lembra tanto Darcy Ribeiro quanto os tratados iluministas de Montesquieu ou Rousseau. A narrativa vale-se de alegorias (“década sombria”, “travesseiro de chumbo”) e de uma cadêncie de sermão político que seduz o leitor não acadêmico e é muito didático em certos pontos, mas custa precisão metodológica. Ao privilegiar a experiência, a própria opinião e a intuição, o autor aproxima-se mais dos folhetins socialistas do século XIX — Proudhon, Bakunin, Trotsky — do que artigos científicos ou mesmo as obras as quais o autor dialoga em seu livro (como a tese da “calcificação”, exposta no livro “Biografia do Abismo” pelo doutor em Ciência Política pela UFMG, Felipe Nunes, e também o trabalho dos pesquisadores Marcus André Melo e Carlos Pereira, “Por que a democracia brasileira não morreu?”, cuja hipótese sobre a reeleição de Bolsonaro é rebatida por Mares Guia).

Há muitos pontos fortes na leitura do livro. O texto possui acessibilidade retórica e engaja públicos leigos e escolares, alinhado ao propósito didático da coleção. Também, possui um panorama abrangente, reunindo política institucional, economia, religião e cultura numa narrativa contínua. Por fim, a vivência pessoal e a larga experiência profissional do autor “empresta” cor e senso de urgência histórica.

Porém, as limitações estão claras e são as que se expos acima: (1) fragilidade empírica (falta método sistemático; estatísticas surgem pontualmente sem aparato analítico); (2) excesso de adjetivação (a indignação moral, embora sincera, gera passagens prolixas que diluem a argumentação); (3) ausência de contraditório (o livro carece de confronto direto com autores ou dados que relativizem suas teses ou mesmo as embasam).

O fascículo de João Batista dos Mares Guia oferece um retrato com escrita apaixonada do Brasil pós-2013 e um alerta contra a erosão da democracia. Sua força está na eloquência; sua fraqueza, na escassez de método. O público que será mais beneficiado pelo livro são alunos do ensino médio, estudantes universitários ainda na graduação e leitores gerais.

E a todos os leitores, críticos ou não, é importante aproveitar a verve literária como porta de entrada e, a partir dela, buscar evidências adicionais para confirmar ou refutar o diagnóstico apresentado.

Referências

- ABRANCHES, Sérgio. *Presidencialismo de coalizão: raízes e evolução do modelo político brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- AVRITZER, Leonardo. *O péndulo da democracia: oscilação e crise no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Todavia, 2019.
- LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Contracorrente, 2022.
- MARES GUIA, João Batista dos. *Democracia, mudança social e ideologias no Brasil contemporâneo: um panorama sociológico*. 1. ed. Belo Horizonte: Éduque, 2024. (Coleção Brasil e Democracia).